



Aponte a câmera do celular para o QR Code e veja o momento em que Riyad Mansour, embaixador palestino na ONU, chora ao falar sobre as crianças mortas

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.df@dabr.com.br
3214-1195 • 3214-1172



ORIENTE MÉDIO

A maior expansão de colônias em décadas

Israel anuncia a construção de 22 assentamentos na Cisjordânia. Organização das Nações Unidas vê “obstáculo à paz e ao desenvolvimento”. Embaixador palestino no Brasil critica inércia das grandes potências e cita ameaça existencial

» RODRIGO CRAVEIRO

Enquanto mantém a campanha de bombardeios diários na Faixa de Gaza, Israel anunciou a construção de 22 assentamentos judaicos na Cisjordânia — a maior expansão em décadas. “Os novos assentamentos estão dentro de uma visão estratégica de longo prazo, cuja meta é fortalecer o controle sobre o território, a fim de evitar o estabelecimento de um Estado Palestino, e criar as bases para o futuro desenvolvimento de assentamentos nas próximas décadas”, afirmou um comunicado do Ministério da Defesa.

Também ontem, o governo dos Estados Unidos informou que Israel aceitou a proposta do presidente Donald Trump para um cessar-fogo na Faixa de Gaza. No entanto, pouco depois, o grupo terrorista Hamas rejeitou o plano, por entender que ele não supre as “demandas” do povo palestino.

Os ministros Bezalel Smotrich (Finanças, de extrema-direita) e Israel Katz (Defesa) classificaram a construção dos 22 assentamentos como uma “decisão histórica”. Smotrich, que vive no assentamento de Kedumi, referiu-se à Cisjordânia como “Judeia-Samaraia” — termo usado por Israel ao citar o território palestino ocupado desde 1967.

“Esta é uma decisão histórica (...), que mudará a face da região e moldará o futuro dos assentamentos na Cisjordânia nos próximos anos”, declarou Katz. “Ela ancora nosso direito histórico à Terra de Israel, e constitui uma resposta esmagadora ao terrorismo palestino.”

O anúncio coincide com o aumento de críticas à guerra na Faixa de Gaza. O ministro das Relações Exteriores da Rússia, Serguei

Zain Jaafar/AFP



Casas do assentamento israelense de Psagot, na Cisjordânia, perto de Ramallah e de Al-Bireh

Lavrov, declarou que “o que ocorre em Gaza é incompreensível e indescritível”. “As medidas tomadas por Israel constituem uma punição coletiva da população civil”, disse.

“Obstáculo à paz”

A Organização das Nações Unidas (ONU) firmou posição contrária a “toda e qualquer expansão de assentamentos” e instou Israel a cessar por completo tais atividades nos territórios palestinos ocupados. “Elas são um obstáculo à paz e ao desenvolvimento”, advertiu. O ministro das Relações Exteriores do Reino Unido, Hamish Falconer, denunciou um “obstáculo deliberado para o Estado Palestino”.

Riyad Mansour (leia a entrevista), embaixador palestino na

ONU, foi às lágrimas, na quarta-feira, ao denunciar as mortes de crianças na Faixa de Gaza. O vídeo do desabafo e do choro do diplomata viralizou. Mansour condenou a manobra israelense na Cisjordânia. “Esses assentamentos, que são ilegais, têm que ser desmantelados e removidos, junto com os colonos que os habitam. Tenho confiança de que a comunidade internacional conseguirá, um dia, com a luta e a firmeza do povo palestino, cumprir com esse objetivo”, disse ao **Correio**.

O embaixador palestino no Brasil, Ibrahim Alzeben, acusou o governo Netanyahu de prosseguir com “ações que configuram uma agressão sistemática e limpeza étnica contra a Palestina, afetando o seu povo, seu território, sua economia e seu patrimônio histórico”. “A inércia das

potências diante da situação, que ameaça não apenas a existência do povo palestino, mas também a paz e a segurança internacionais, é motivo de profunda preocupação”, advertiu. “Ignorar os apelos dos povos ao redor do mundo, que clamam pelo fim das hostilidades em toda a Palestina, equivale a abrir caminho para a erosão dos princípios do direito internacional, conduzindo o mundo a uma lógica de força, em detrimento da justiça.”

Para Alzeben, a humanidade corre o risco de arcar com as consequências diante da “proliferação de lideranças que desprezam os valores universais e o ordenamento jurídico”. “A preservação da paz e da segurança globais é uma responsabilidade coletiva — e o que hoje ocorre na Palestina diz respeito a todos nós.”

» Entrevista | RIYAD MANSOUR, EMBAIXADOR PALESTINO NA ONU

“Os colonos têm que sair”

Como o senhor vê a decisão de Israel de construir mais 22 assentamentos na Cisjordânia?

Não cabe a Israel continuar violando o direito internacional, especialmente o direito humanitário internacional, além das decisões da Corte Internacional de Justiça (CIJ), da Assembleia-Geral do Conselho de Segurança da ONU. Sob o ponto de vista do direito internacional, assentamentos são ilegais. Como a CIJ estipulou, Israel tem não apenas que interromper as atividades em assentamentos, mas deve desmantelá-los. Os colonos têm que retornar para Israel. Eles estão ilegalmente na terra do Estado da Palestina. Israel não pode impor suas regras. Essa é a lei da selva. É nosso dever coletivo impedi-los disso e responsabilizá-los por violar as leis internacionais.

Na quarta-feira, o senhor chorou ao falar sobre as crianças de Gaza. Por que o mundo não faz o bastante para salvar os palestinos?

Aqueles que cometem crimes contra crianças deveriam enfrentar a Justiça internacional. Nós, sinceramente, esperamos que os países-membros do Tribunal Penal Internacional (TPI) prendam Benjamin Netanyahu (premiê) e Yoav Gallant (ex-ministro da Defesa) e os envie para a CIJ, a fim de que sejam responsabilizados pelos crimes cometidos contra o povo palestino, especialmente as crianças.

Muitos países acusam o governo de Israel pela guerra em Gaza, mas não impõem sanções...

A comunidade internacional começa a impor sanções. Há poucos dias, durante reunião de alto nível em Madri, países, incluindo a Espanha, decidiram parar de enviar armas a Israel. Isso é uma sanção formal, de modo que Israel não tenha as ferramentas para continuar a impor punição coletiva ao povo palestino. Haverá mais passos. Uma vez que nações corajosas comecem a impor sanções, elas serão seguidas por outras.

Qual é a intenção de Israel na Faixa de Gaza?

O plano real de Israel é expulsar 2 milhões de palestinos. Eles querem corrigir os erros que cometeram em 1948, ao não expulsarem todos os palestinos da Palestina histórica. O objetivo real desse genocídio contra o povo palestino, na Faixa de Gaza, é colocá-lo na posição de que não há opção, exceto ser expulso e deixar Gaza, para que eles cumpram com o sonho do sionismo, de que a Palestina é um país sem povo.

Como o Brasil pode ajudar a pôr fim à guerra?

Nós concordamos com o presidente Lula de que Israel comete genocídio. Como podemos parar isso? Todos temos que assumir responsabilidades coletivas. O Brasil e todos os países precisam se preparar para essa conferência, entre 17 e 20 de junho, na ONU. Cada nação poderá se comprometer com um conjunto de medidas práticas que serão implementadas para responsabilizar Israel. (RC)



Eskinder Debebe/ONU

ESTADOS UNIDOS

Justiça mantém bloqueio à proibição a Harvard

A juíza Alisson Burroughs, da Corte Federal de Massachusetts, revelou que suspenderá temporariamente os esforços do governo Trump para impedir a Universidade de Harvard de matricular e hospedar estudantes estrangeiros. O bloqueio à ordem do Departamento de Segurança Interna ocorre em meio à formatura de milhares de estudantes de Harvard, no campus de Cambridge (Massachusetts). A suspensão cautelar do veto a estudantes internacionais foi adotada por Burroughs depois que Harvard recorreu aos tribunais para impugnar a medida. A magistrada considerou que a medida visa conceder “alguma proteção aos estudantes estrangeiros”.

Apesar de considerar a notícia “excelente”, Carola Suárez-Orozco — professora da Faculdade de Educação da universidade — afirmou ao **Correio** que a manobra da Justiça não foi inesperada. “A decisão do governo de bloquear a matrícula de estudantes internacionais não se baseou em

Rick Friedman/AFP



Estudantes colam grau no câmpus de Harvard, em Cambridge

nenhum precedente legal ou Estado de direito. Trump é alguém que não recua e, provavelmente, recorrerá da decisão”, disse.

Alex Keyssar, professor de história e de política social de Harvard, classificou a decisão como “útil”. “Mas, não resolve o

assunto, apenas adia as coisas”, disse à reportagem. “É uma etapa de uma longa batalha.”

Trump lançou uma guerra contra Harvard. O presidente acusa a universidade de fomentar o antisemitismo e valores liberais. (Rodrigo Craveiro)

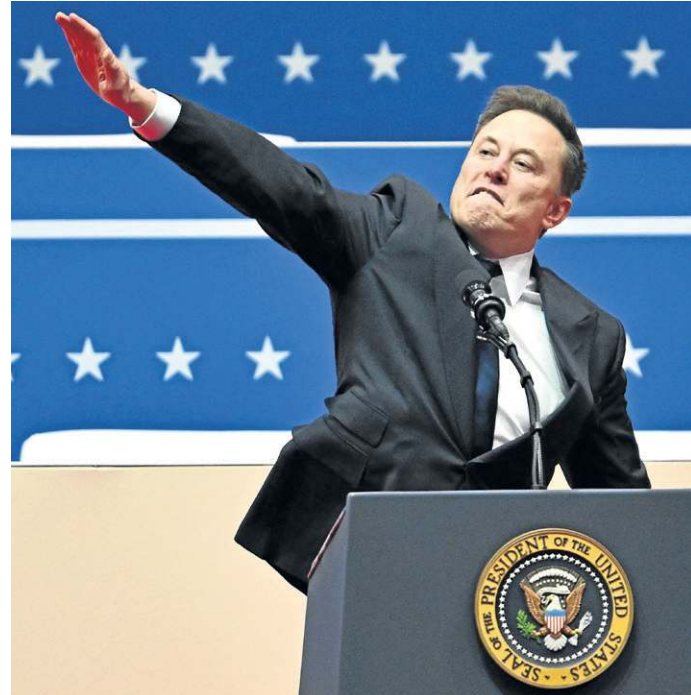
Decepção faz Musk deixar governo

A Casa Branca agradeceu a Elon Musk pelos serviços prestados, depois que o bilionário anunciou que encerraria sua missão de reduzir o gasto público atribuída pelo presidente Donald Trump à frente da comissão chamada Departamento de Eficiência Governamental (Doge). A gota d'água para a saída de Musk do governo foi uma divergência sobre o projeto de lei orçamentária do republicano — o executivo criticou abertamente o texto.

O magnata da tecnologia, dono da rede social X, da SpaceX e da Tesla, acredita que esse projeto, aprovado pela Câmara dos Representantes e ainda pendente na votação no Senado, aumentaria o déficit e minaria o trabalho do Doge, que demitiu dezenas de milhares de funcionários públicos. Musk também reclamou que o Doge, comissão consultiva da qual ele foi o rosto visível, se tornou um “bode expiatório” do descontentamento com a administração.

“Agradecemos seus serviços. Agradecemos por iniciar o Doge”, declarou Karoline Leavitt, porta-voz do Executivo, aos jornalistas. “Os esforços

Angela Weiss/AFP • 20/1/25



Elon Musk faz gesto polêmico durante posse de Trump

para reduzir o desperdício, a fraude e o abuso continuarão”, acrescentou. Leavitt se recusou a fazer mais comentários.

“À medida que meu tempo programado como funcionário especial do governo chega ao fim, gostaria de agradecer

ao presidente Trump a oportunidade de reduzir gastos supérfluos”, escreveu o homem mais rico do mundo no X. “A missão do Doge só ficará mais forte com o tempo, à medida que se torna um estilo de vida em todo o governo.”